

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 7 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2018

## O LOUVOR MUSICAL: O NOVO SACRAMENTO? O SIGNIFICADO CONTEMPORÂNEO DO MOMENTO DE LOUVOR MUSICAL NAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO BRASIL

Musical Worship: the New Sacrament? The contemporary meaning of the Musical Worship Moment among Brazilian Evangelical Churches

*Dr.<sup>ando</sup> Elcio (Elsen) Portugal<sup>1</sup>*

### RESUMO

A música já faz parte do culto cristão desde os primeiros dias da igreja. Ela é intencionalmente integrada às práticas litúrgicas, às vezes refletindo

<sup>1</sup>PORTUGAL, Elsen (Elcio). Formado em pedagogia do piano pela East Texas Baptist University, com mestrado livre em teologia e missões pela Patriot Bible University e de música (piano) pela University of Central Arkansas. É doutorando em Adoração e Missão na área de etnodoxologia pelo B. H. Carroll Theological Institute em Irving, TX, tendo completado uma especialização em pós-graduação em Artes Globais pelo Graduate Institute of Applied Linguistics pertencente à Dallas International University em Duncanville, TX. Já serviu em várias igrejas como ministro de música desde 1988, e atua como músico hoje em igrejas e na Ouachita Baptist University, Arkadelphia, AR. Junto com sua família serviu também como missionário na Alemanha (11 anos), assim como na Costa Rica e no Brasil recentemente. Continua ativo como consultor e promotor do campo de artes em missões com indígenas junto à Junta de Missões Nacionais em colaboração com outras agências. E-mail: [elelportugal@gmail.com](mailto:elelportugal@gmail.com). Site pessoal: <http://elsenportugal.wixsite.com/arts-in-mission>. Site sobre a etnodoxologia: <http://etnodoxologia.com/>.

práticas usadas durante a antiga aliança (a de Moisés), e outras vezes adotando outros formatos. O significado e o poder da música também foram avaliados de formas variadas pelos teólogos e leigos ao longo dos séculos. Em certos segmentos do Cristianismo, a música até desenvolveu um relacionamento teológico com conceitos de *sacramento*. Este entrelaçamento é refletido no “momento de louvor e adoração”, na parte final do século 20, e tornou-se normativo para um grande número de crentes. A evidência demonstra que é isso que ocorreu entre as igrejas evangélicas brasileiras. Este artigo examina o desenvolvimento de um significado sacramental atribuído ao *louvor*. Apesar do foco das observações estar dentro do âmbito de igrejas Batistas brasileiras, esta análise trata de um fenômeno comum em múltiplas denominações evangélicas contemporâneas.

**Palavras-chaves:** Louvor. Adoração. Música. Igreja. Culto.

## ABSTRACT

Music has played a role in Christian worship since the first days of the Church. It is intentionally integrated into liturgical practices, sometimes reflecting practices used under the old covenant (of Moses), and at other times adopting new formats. The significance and the power of music have been addressed in various ways by theologians and laymen throughout the centuries. In certain segments of Christianity, music developed even a theological relationship with concepts of *sacrament*. This interweaving is reflected in the “praise and worship moment” developed in the latter part of the twentieth century and has become normative for a great number of believers. The evidence demonstrates that this is what has occurred among Brazilian evangelical churches. This article examines the development of a sacramental meaning in the *louvor* (worship moment in the corporate assembly). Although the focus of observations is within the environment of Brazilian Baptist churches, this analysis deals with a phenomenon common in multiple contemporary evangelical denominations.

**Keywords:** Praise. Worship. Music. Church. Cult.

## INTRODUÇÃO

A música já participa das práticas de culto das comunidades cristãs desde os primeiros dias da igreja. Sua presença não foi somente tolerada, mas

intencionalmente integrada às práticas litúrgicas, às vezes refletindo práticas usadas durante a antiga aliança (a de Moisés), e outras vezes adotando outros formatos. O significado e o poder da música também foram avaliados de formas variadas pelos teólogos e leigos ao longo dos séculos. Em certos segmentos do Cristianismo, a música até desenvolveu um relacionamento teológico com conceitos de *sacramento*. Este entrelaçamento é refletido no “momento de louvor e adoração”, na parte final do século 20, e tornou-se normativo para um grande número de crentes. A evidência demonstra que foi isso que ocorreu nas igrejas evangélicas brasileiras. Neste artigo iremos examinar este desdobramento enfocando nas práticas das igrejas Batistas brasileiras.

Apesar de que os debates sobre o que é crucial para que um “louvor (ou adoração) verdadeiro” aconteça, ou mesmo quanto a escolhas musicais apropriadas para o culto cristão - geralmente abordam temas de conflitos entre gerações ou preferências musicais - é bem possível que as questões que criam divisão sejam, na realidade, teológicas. Seria possível que as práticas de louvor musical excederam os seus sentidos originais, e passaram a funcionar como um *novo sacramento*? Por outro lado, será que, se os desafios que envolvem música, louvor e adoração, fossem reconsiderados na ótica de função e valor, e assim os componentes das ações musicais de louvor e adoração (pastores, ministros de música, equipes de louvor, coristas e toda a assistência dos cultos) poderiam descobrir princípios mais abrangentes e mais equilibrados que levem a uma melhor unidade na igreja? Neste artigo buscaremos encontrar respostas, observando comentários de teólogos, de autores de ministérios musicais, de indivíduos crentes e de igrejas, assim como a história dos evangélicos (em particular, Batistas) no Brasil.<sup>2</sup> Estaremos buscando encontrar fontes mais exatas para o caráter distinto do “momento de louvor” nas igrejas brasileiras, em especial nas chamadas “igrejas Batistas tradicionais”.

É de enorme importância que o leitor compreenda e aceite que este artigo tem como alvo estimular uma conversa bíblica sobre questões que tendem a

<sup>2</sup> Uma grande parte das citações são provenientes de textos originais em inglês, mas também de múltiplas fontes em português. Todas as traduções ao português aqui utilizadas foram feitas por mim, Elcio Portugal, e por isso não haverá anotações sobre o tradutor no decorrer deste artigo além desta nota de rodapé.

dividir o povo de Deus. Fique claro desde já que todo e qualquer comentário sobre o posicionamento de crentes e instituições aqui citados se trata somente de uma discussão sobre a validade bíblica destes posicionamentos. De forma nenhuma estaremos questionando a sinceridade e consagração destas pessoas ou ministérios ao Senhor. Nossa esperança é que uma avaliação da nossa expressão de louvor e adoração com base na essência de conceitos bíblicos, nos leve a práticas genuínas que estejam em harmonia com nossa fé.

## 1. SACRAMENTO

### 1.1 USO E DEFINIÇÕES

Os evangélicos não usam o termo sacramento muito comumente. A igreja católica considera 7 rituais ou eventos como sendo “sacramentos”<sup>3</sup>, enquanto a maioria dos reformadores focam somente em 2: o batismo e a ceia do Senhor. Batistas, por exemplo, se referem a estas duas práticas pelo termo ordenança e muitos se opõem tipicamente a uma referência a elas como sacramentos, já que este termo traz consigo conceitos de funções tradicionais que servem como um “meio de graça”.<sup>4</sup> Uma outra objeção é o fato de que a palavra *sacramento*, apesar de ser usada copiosamente por católicos e reformadores, foi introduzida (ao menos em documentos que sobreviveram os séculos) na prática da igreja somente após os tempos dos apóstolos, e não se encontra no texto bíblico. Na teologia católica, este termo serve como designação de “sinal e instrumento”<sup>5</sup>, como formulou o Cardinal Ratzinger,<sup>6</sup> ou de “sinal

<sup>3</sup> LIBRERIA EDITRICE VATICANA. **Catechism of the Catholic Church**, “The Seven Sacraments of the Church,” (Port.: Catecismo da Igreja Católica, “Os Sete Sacramentos da Igreja”). Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/ENGO015/\\_\\_\\_P3E.HTM](http://www.vatican.va/archive/ENGO015/___P3E.HTM). Acesso em: 19 abr. 2017.

<sup>4</sup> DAVIS, John Jefferson. **Worship and the Reality of God: An Evangelical Theology of Real Presence**. (Port.: *O Culto e a Realidade de Deus: Uma Teologia Evangélica da Real Presença*). Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2010, Kindle Location 816. Kindle Edition. **NOTA:** O termo “meio de graça” utilizado neste artigo não denota especificamente a categoria protestante de “meios ordinários da graça”. Ele é utilizado de forma mais restrita (de um certo ponto de vista) como referência a práticas eclesiais promovidas a canais exclusivos para a obtenção de(a) graça de Deus. Por um outro lado, ele é aplicado à “meios” (ou práticas) que não são tradicionalmente vistos como tais – neste caso, a música.

<sup>5</sup> WAINWRIGHT, Geoffrey. **Worship With One Accord: Where Liturgy and Ecumenism Embrace** (Port.: *Adorando em Acordo Comum: onde a Liturgia e o Ecumenismo se abraçam*). Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 87). (ênfase minha)

<sup>6</sup> WAINWRIGHT, 1997, p. 103.

e meio”, como indicado por Alexander Schmemmann.<sup>7</sup> Geoffrey Wainwright, teólogo evangélico que fez papel importante nas conversas ecumênicas nas últimas décadas, apesar de consentir espaço para ênfases diferentes, diz “que o sacramento é, tradicionalmente, um  *sinal eficaz*”<sup>8</sup>, um ato divinamente instituído.<sup>9</sup> A ceia do Senhor, vista como o sacramento da Eucaristia entre católicos e denominações tradicionais clássicas<sup>10</sup> (ex. Luterana, Episcopal, et al.) é o ponto de foco de cada missa ou celebração de culto, contendo o aspecto da “real presença” do Senhor, com variados níveis de importância de acordo com a tradição de cada denominação. A Igreja Católica Romana vê na Eucaristia, assim como nos outros sacramentos, um verdadeiro instrumento de salvação. Protestantes se distanciaram em geral desta teologia durante a Reforma. Mesmo assim, teólogos como John Jefferson Davis, também evangélico, convida a todos os cristãos a reintroduzir celebrações eucarísticas nos cultos e de experimentar “a real presença de Cristo na Eucaristia”.<sup>11</sup> Apesar de que a Eucaristia não seja o tema deste artigo, os aspectos de *sacramento e real presença* mencionadas acima são fundamentais para o esclarecimento do nosso tema.

## 1.2 LINGUAGEM SACRAMENTAL EM VÁRIOS CONTEXTOS

Destacando a importância da música na liturgia, o teólogo e autor John Witvliet fez observações comparativas acerca da percepção sacramental da música litúrgica entre certos grupos de cristãos. Ele afirma: “Falando um tanto simplisticamente: os Católicos Romanos reservam a sua linguagem sacramental para a Eucaristia, os Presbiterianos reservam a sua para a pregação, e os *carismáticos guardam a sua para a música*”.<sup>12</sup> (ênfase minha) Ele esclarece a autenticidade da sua observação com a seguinte ilustração:

<sup>7</sup> SCHMEMANN, *apud* WAINWRIGHT, 1997, p. 95.

<sup>8</sup> SCHMEMANN, *apud* WAINWRIGHT, 1997, p. 87.

<sup>9</sup> SCHMEMANN, *apud* WAINWRIGHT, 1997, p. 96.

<sup>10</sup> O termo “denominações clássicas” aqui é uma tradução livre do termo designatório em inglês “main-line denominations”.

<sup>11</sup> DAVIS, Jefferson. **Worship and the Reality of God**, KL 1706. NOTA: para simplificação, a partir desta nota de rodapé os livros citados de uma versão Kindle terão as letras ‘KL’ (Kindle Location) em lugar do comum ‘p.’ (página) se não forem paginadas.

<sup>12</sup> WITVLIET, John “**At Play in the House of the Lord: Why Worship Matters**,” (Port.: “Jogando ou Brincando na Casa do Senhor: Porque a Adoração Importa”). Disponível em Books & Culture 4, 6 (Nov./Dec. 1998), <http://www.booksandculture.com/articles/1998/novdec/8b6022.html?paging=off>, p. 3. Acesso em 1 dez. 2016.

“Em uma conferência de pastores recente, um pastor evangélico solicitou candidatos para a posição de diretor de música ou líder de louvor, pedindo por alguém que pudesse “fazer com que Deus estivesse presente pela música”. Nenhum teólogo sacramental da idade média poderia ter dito de forma mais forte. *Poderíamos ousar a chamar isso de “transubstanciação musical”?*”<sup>13</sup> (ênfase minha).

O músico e teólogo Harold Best confirma esta observação:

Eu posso errar em acoplar a fé à experiência musical quando presumo que o poder e a efetividade da música são as coisas que trazem substância e evidência à minha fé. Assim eu posso então facilmente forjar uma conexão entre o poder da música e a proximidade ao Senhor. Quando isso acontece, eu posso até escorregar completamente no pecado de equiparar o poder da música com a proximidade do Senhor. Chegando a este ponto, a música se une ao pão e ao vinho na criação de um *novo sacramento* ou mesmo um *novo tipo de transubstanciação*.<sup>14</sup> (as ênfases são minhas)

Teólogos evangélicos, tanto carismáticos como tradicionais, não compartilham o mesmo pensamento da Igreja Católica medieval sobre os conceitos sacramentais da ceia do Senhor, em geral se afastando da doutrina da transubstanciação. Os textos dos reformadores dão testemunha de que suas ênfases haviam sido consideravelmente modificadas, e que elas estavam focadas principalmente na presença espiritual de Cristo. John Witvliet descreve a visão de João Calvino sobre o sacramento da eucaristia com esta afirmação: “Na era do Novo Testamento, tal união é realizada particularmente na eucaristia, sobre a qual Calvino falava em termos “do sacramento da Ceia, pelo qual o Senhor nos leva à comunhão com Jesus Cristo”. Levando a conceitos de espaço, Calvino descreveu os sacramentos como “uma escada para nós, para que possamos buscar o nosso Senhor Jesus Cristo, e para que possamos estar completamente convictos de que Ele vive em nós e que estamos unidos a Ele”.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> WITVLIET, 1998, p. 3.

<sup>14</sup> BEST, Harold. **Unceasing Worship: Biblical Perspectives on Worship and the Arts** (*Adorando sem Cessar: Perspectivas Bíblicas sobre Adoração e as Artes*). Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003, KL 287-290.

<sup>15</sup> WITVLIET, John D. **Worship Seeking Understanding: Windows into Christian Practice** (*Adoração Buscando Entendimento: Janelas para a Prática Cristã*). Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2003, p. 121. Kindle Edition.

O artigo de Witvliet, citado anteriormente<sup>16</sup>, oferece um sumário de textos de quatro escritores contemporâneos abordando o tópico de adoração (ou culto): Bernhard Lang, Frank Senn, Geoffrey Wainwright e James White. Estes quatro autores chegam a duas conclusões comuns (no mínimo), de acordo com Witvliet: 1. que “cada comunidade desenvolve profundos padrões para cultos coletivos”,<sup>17</sup> e 2. “que é notavelmente difícil para os adoradores cristãos viver sem uma linguagem que seja, em algum sentido, sacramental”.<sup>18</sup> Apesar de que estas generalizações podem não ser absoluta e universalmente aplicáveis, elas representam a tendência geral do culto coletivo nas grandes denominações cristãs.

## 2. OBSERVAÇÕES NA VIDA DAS IGREJAS BRASILEIRAS

### 2.1 OBSERVAÇÃO COMO PARTICIPANTE

A relevância e profundidade desta percepção sacramental se tornou mais e mais aparente durante o meu convívio e ministério de música no Brasil nos últimos anos. Depois de ter morado e trabalhado em ministérios fora do Brasil por 34 anos, além dos “choques culturais” que missionários sentem quando são reintroduzidos a uma sociedade diferente da qual estão acostumados, minha experiência na América do Norte e na Europa me ajudaram a identificar características únicas nas práticas de culto coletivo nas igrejas Batistas brasileiras. No ambiente das igrejas brasileiras, a tensão entre a música tradicional e os estilos musicais contemporâneos continua existindo, como também em inúmeras partes do mundo, mas não demonstra precisamente as mesmas características que em todo o mundo. Dentro deste âmbito, a percepção daquilo que constitui “música de louvor” teve e ainda tem a tendência de criar “padrões profundos”, como mencionou John Witvliet acima, assim como em outros grupos cristãos.

### 2.2. AS QUESTÕES TEOLÓGICAS

Participando na área ministerial da música entre igrejas Batistas brasileiras

<sup>16</sup>“At play” em inglês é uma palavra com vários significados. Assim, Witvliet faz uma ambiguidade plural que pode ser interpretada como “Jogando”, “Tocando” ou mesmo “Brincando”.

<sup>17</sup>WITVLIET, 1998, p. 3.

<sup>18</sup>WITVLIET, 1998, p. 3.

e observando cuidadosamente as práticas e motivações, pude detectar a real possibilidade de que uma *percepção sacramental* do “louvor musical” (usarei de aqui em diante o termo popular “o louvor” para identificar o momento inteiro de louvor a partir da música) pode ser grandemente responsável pela *dependência*, demonstrada pelos músicos e assistentes, em certos padrões litúrgicos dentro e ao redor dos elementos musicais para que “um bom louvor” ou um “louvor verdadeiro” possa ocorrer (ou ser executado), ou para que os participantes “possam adorar”. Barry Liesch, fundador do programa Música em Adoração na Universidade Cristã Biola,<sup>19</sup> reconhece esta tendência universal: “Na nossa era, as pessoas equiparam adoração (ou louvor) com música: (dizendo ou pensando) se a música é boa, então o louvor é bom”.<sup>20</sup> Liesch, porém, nega categoricamente a superioridade espiritual de estilos musicais especiais de louvor e adoração:

A forma de um culto litúrgico não é mais espiritual do que um culto temático ou de “louvor contínuo”.<sup>21</sup> O formato de culto Batista não é mais espiritual do que o formato Presbiteriano; nem é o formato de culto Metodista menos espiritual do que o da Calvary Chapel ou das Assembleias de Deus. Formatos são fenômenos culturais. “Louvor contínuo”, por exemplo, não tem o monopólio do Espírito Santo. *Não é justo (e é perigoso!) equiparar espiritualidade com qualquer formato.* Menciono isso apesar de ser um apoiador convicto do louvor contínuo e da expressão contemporânea.<sup>22</sup> (ênfase minha)

Apesar de que a maior parte das ações musicais abordadas aqui não são exclusividade das igrejas evangélicas brasileiras, as características do “louvor musical” que se observam no contexto brasileiro se combinam para formar um *padrão distinto*, contendo aspectos que vão além dos estilos musicais, e que evoluíram em um ritual sacramental que raramente recebe a atenção e a análise devida.

<sup>19</sup> BIOLA UNIVERSITY. “Barry Liesch”. Disponível em: [https://www.biola.edu/directory/people/barry\\_liesch](https://www.biola.edu/directory/people/barry_liesch). Acesso em 28 abr. 2017.

<sup>20</sup> LIESCH, Barry Wayne. **The New Worship: Straight Talk on Music and the Church** (*A Nova Adoração: Conversa Aberta sobre Música e a Igreja*). Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2001, KL 1649-1651.

<sup>21</sup> O termo usado por Liesch em inglês é “free-flowing praise” que significa “louvor de fluxo livre”. O termo soa estranho e perde significação em português. Por isso uso a expressão “louvor contínuo” que dá uma ideia mais clara das características deste estilo.

<sup>22</sup> LIESCH, 2001, KL 265-269.

### 2.3 PARTICIPANDO E ANOTANDO

O povo evangélico brasileiro tem uma capacidade enorme de amar e cuidar uns dos outros. Meu amor e agradecimento ao Senhor pelo cuidado que eu e minha esposa recebemos, especialmente na nossa amada igreja e do seu pastor em Ipatinga quando lá servimos, é difícil de expressar em palavras de forma que faça justiça à realidade. Foi inicialmente neste contexto que eu, servindo como ministro de música e exercendo funções missionárias paralelas em outras partes do Brasil, encontrei uma nova realidade no âmbito musical que não conhecia na América do Norte nem na Europa (ou mesmo na Costa Rica, onde também passei um ano). Não que estas características não estivessem presentes nestes lugares, porém não eram aparentes ou dominantes nas igrejas nas quais participei.

Sem buscar revolucionar tudo na direção musical da nossa igreja, segui um padrão não muito diferente do que já era costume, implementando principalmente o uso de partituras-padrão, buscando um nível mais constante de preparação, inclusive ensaios mais regulares. Busquei incluir uma variedade de estilos dentro dos dois cultos de domingo, e buscando um afastamento da ideia de que louvor (ou adoração) estivesse aprisionado a um gênero musical qualquer. Retomamos ensaios regulares de coral, este composto principalmente dos participantes da geração prévia, mas também incluindo jovens participantes dos grupos de louvor. Em conjunto, promovemos participações especiais de Natal, de aniversário da igreja e de Páscoa, e tivemos momentos de alegria e de fruto espiritual.

Estes e outros passos organizacionais foram tomados em consulta e com a aprovação do colégio pastoral. Algumas destas adições, assim como a compra de um novo piano, provavelmente fizeram com que alguns tivessem uma percepção de volta à tradição, o que era bem longe da realidade. Com todo respeito e cuidado, a maioria dos participantes das equipes buscaram se adaptar, enquanto alguns provavelmente não reconheceram as vantagens de modificações nos padrões de preparação e execução do *louvor*.

Ao longo deste tempo de interação, minha observação inicial começou a se confirmar de que as características do conflito sobre estilos de adoração ou culto (*worship wars*), presente nas igrejas brasileiras, como em outras partes do mundo evangélico, simplesmente *não eram idênticas*. Uma diferente combinação de elementos veio a existir entre os evangélicos brasileiros. Dada

a prevalente gentileza entre os irmãos, e o esforço (mesmo que de última hora!) para se prepararem para eventos e participações musicais, tornou-se mais claro aos meus olhos que as dificuldades que a igreja havia passado na sua história e no presente (assim como um enorme número de igrejas Brasil afora), especialmente no que diz respeito ao relacionamento entre líderes eclesiásticos e os músicos, eram provenientes de questões mais profundas do que *má vontade* de se acomodar às instruções de um líder, ou *preferência* por um conjunto de cânticos, estilos musicais, ou mesmo do que uma *falta de compromisso* com Deus ou com o ministério de música da igreja local. Na realidade, estes sintomas tinham raízes profundamente fincadas.

Com isso em mente, conduzi várias conversas com os pastores e membros das equipes para reavaliar os fundamentos e a direção do ministério de música da igreja. Servindo na Associação de Músicos Batistas de Minas Gerais, tive várias oportunidades de conduzir capacitações nas quais pude estar em contato com músicos em várias partes do Estado. Estas interações serviram para esclarecer, ilustrar e confirmar a suspeita de que *algo teologicamente distinto* estava (e está) ocorrendo. Os pensamentos sobre louvor, “o louvor” e adoração evidenciaram que uma visão específica estava (e está) regendo as práticas litúrgicas nas igrejas evangélicas, sejam elas bíblicamente justificáveis ou não. As práticas ocorrem em grande parte das igrejas Batistas, assim como em igrejas de outras denominações. As normas subentendidas para executar “o louvor” passaram a conduzir os participantes de tal forma nas décadas passadas que, agora, outros formatos levam a desentendimentos e conflitos.

## 2.4 QUESTÕES LINGÜÍSTICAS

Além da tendência comum internacional de associar um estilo específico com “adoração” (inclusive aspectos de instrumentação, ritmo, estilo vocal e traços melódicos), uma questão problemática no contexto do culto brasileiro é de natureza linguística. Trata-se do uso prevalente do termo *louvor* como sinônimo de *cântico* (*de louvor*). Apesar de ser difícil determinar a exata série de eventos que levaram a este uso fixo da palavra *louvor* significando cântico ao longo da história dos evangélico no Brasil, a consolidação deste termo como sinônimo de *cântico* abriu uma porta muito larga para a infiltração de significado sacramental, não somente no ato de louvar (elogiar), mas na música em si e no formato musical atual.

O uso coloquial do termo *louvor* como *cântico*, no Brasil, é praticamente impossível deixar passar. Diz-se, por exemplo, que cantaremos *um, dois ou três louvores*. Usa-se também o termo “*o louvor*”, de forma coletiva, para o período de cânticos com todas as suas peculiaridades. E quando, por alguma razão, o coral canta em um culto, e não se usa uma “banda” para acompanhar, pensa-se ou diz-se que naquele culto “não terá louvor; só hinos”. Certa vez, durante um congresso de música em Minas Gerais, conheci um casal simpático que ia participar das oficinas. Eu perguntei como era o envolvimento deles com a música na igreja. A esposa respondeu que o seu marido cantava no coral. Quando perguntei se ela também cantava, ela respondeu com convicção: “Não, eu não canto. Eu só louvo”. Desta forma, esta irmã estava expressando que via uma distinção clara entre a ação de cantar, em geral, e a expressão musical em cânticos durante “o louvor”. Não é que ela estivesse tentando dar a impressão de que *louvar* era superior a *cantar*. A sua concepção de *louvor* (leia-se *cântico contemporâneo durante “o louvor”*) era de uma coisa indispensável, comum e regular, e imperativa em cada culto. Em seu entendimento, *cantar* talvez até tivesse uma posição superior e única, um lugar de honra para marcar celebrações especiais, mas não uma necessidade para que o crente possa ter uma visita semanal à presença de Deus, enquanto um culto seria incompleto sem o *louvor* (com todos os seus acompanhantes).

### 3. O DESDOBRAMENTO HISTÓRICO DO *LOUVOR* ATUAL NO BRASIL

As atividades evangélicas missionárias regulares para alcançar o Brasil começaram no meio do século 19. Apesar de um ter experienciado um começo difícil, o movimento evangélico produz muito fruto hoje em dia. Mesmo ainda sendo a minoria no Brasil, igrejas evangélicas não são poucas e tampouco desconhecidas pela grande parte da população. Desde os primórdios destas missões, os evangélicos tinham “um só inimigo – o catolicismo”.<sup>23</sup> Estas circunstâncias permitiram com que uma certa uniformidade em teologia e práticas de culto fossem encontradas entre, principalmente, Presbiterianos, Metodistas e Batistas. Dada esta situação, a tendência de compartilhar transdenominacionalmente entre eles os métodos e práticas se tornou comum

<sup>23</sup>DOLGHE, Jacqueline Ziroldo. **Louvor e Carisma**: uma análise do poder religioso. (Instituto Âncora de Ensino: Revista Digital de Estudos em Religião), 2006-2007, Disponível em: [http://www.revistaancora.com.br/revista\\_3/06.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_3/06.pdf), p. 1. Acesso em: 20 abr. 2017.

entre as igrejas brasileiras.

No contexto Batista é indispensável rever um momento tão importante quanto difícil na sua história. Em 1961, durante a assembleia da Convenção Batista Mineira (CBM) que aconteceu na cidade de Juiz de Fora, uma questão difícil foi levantada para discussão: “o assunto sobre a questão doutrinária relativa ao método de avivamento espiritual ensinado e pregado pelo pastor J. R. N.<sup>24</sup> (o então pastor da Igreja Batista da Lagoinha)”.<sup>25</sup> Depois de uma reunião que durou até à noite, a Convenção decidiu excluir a igreja da Lagoinha da CBM. O movimento carismático, hoje conhecido como a *renovação*, com ênfase nos dons espirituais, havia entrado nos âmbitos Batistas durante a década anterior, em particular pelas mensagens de Rosalee Mills Appleby.<sup>26</sup> Este movimento tornou-se um catalisador para uma cisma formal que afeta os Batistas brasileiros até hoje. Anderson Barbosa,<sup>27</sup> fiel obreiro e plantador de igrejas em Minas Gerais, participou desta reunião e votou *contra* a exclusão da igreja da Lagoinha. Ele descreve que entre os convencionais começou a reinar “o medo, a vergonha, a desconfiança” e que “as pessoas não se aproximavam umas das outras”.<sup>28</sup> Ao voltar para sua cidade de Coronel Fabriciano, este irmão Barbosa que estava acostumado a fazer suas viagens de visitação ministerial sozinho, passou a ter um acompanhante da sua igreja, e por algum tempo o seguiu, “não desconfiando que estaria sendo espionado”.<sup>29</sup> Esta divisão, apesar de haver deixado muitas cicatrizes, permitiu a organização de uma convenção renovada ou carismática de igrejas Batistas. Hoje a tensão entre os dois tipos de Batistas é bem mais relaxada, e há cooperação e interação regular, ao menos a nível de igreja local. Apesar de que diferenças doutrinárias ainda existem, a

<sup>24</sup> José Rego do Nascimento.

<sup>25</sup> BARBOSA, Anderson. **As Memórias de “AdB”**. Ipatinga: Edição do Autor, 2016, p. 148.

<sup>26</sup> Rosalee Appleby foi uma missionária norte-americana no Brasil desde 1924. Seu esposo, David Appleby, faleceu quando ela ainda estava esperando o seu primogênito. Rosalee decidiu permanecer no Brasil como missionária apesar da morte do seu marido. Fonte: Ministério Vigiái, “O Racha e a Dor Batista com Quase 50 anos: Renovação Espiritual” <http://vigiái.net/artigos/o-racha-e-a-dor-batista-com-quase-50-anos-renovacao-espiritual>. Acesso em; 20 abr. 2017.

<sup>27</sup> A história desta divisão na Convenção Batista Mineira (que subsequentemente se tornou uma divisão geral da Convenção Batista Brasileira) pode ser verificada a partir de outras fontes que são até mais institucionais. Eu escolhi relatar este evento a partir da perspectiva de Anderson Barbosa para enfatizar as implicações pessoais devidas a esta decisão institucional. Tive o privilégio de conhecer pessoalmente Anderson Barbosa e sua família – meus amigos – e estive presente no lançamento da sua autobiografia em 2016.

<sup>28</sup> BARBOSA, 2016, p. 149.

<sup>29</sup> BARBOSA, 2016, p. 150.

interpretação cessacionista dos dons espirituais, que servia como fundamento para a resistência contra o movimento de renovação nos anos 60, raramente entra em discussão hoje em dia.

O foco deste artigo não permite espaço para incluir uma linha histórica completa das tendências teológicas nas práticas de música cristã até o presente. Porém, a relevância do relato acima se encontra no desenvolvimento subsequente da Igreja Batista da Lagoinha. Esta igreja continuou a crescer em influência, não somente por meio de pregações ou de ensino, mas em particular por meio do seu ministério musical. Mesmo não sendo o único ministério de música de influência entre evangélicos no Brasil hoje, a igreja da Lagoinha é emblemática da prática de “louvor e adoração” no Brasil no século 21. Desde os anos 90, André e sua irmã Ana Paula Valadão, filhos do atual pastor da igreja da Lagoinha, produziram mais de 40 CDs musicais de alta qualidade, incluindo músicas traduzidas, bem como músicas originais sob a designação geral de Ministério Diante do Trono.<sup>30</sup> Os eventos semanais ou frequentes que este ministério organiza na igreja local ou através do Brasil atraem milhares de pessoas. A igreja estabeleceu sua própria estação de televisão (Rede Super), acessível por cabo ou por internet,<sup>31</sup> oferecendo uma programação variada de mensagens, “talk shows”, programas infantis, e, obviamente, música.

Não sugiro aqui qualquer questão de sinceridade ou integridade da parte de ministérios como o da Lagoinha. Na realidade, esta igreja foi instrumental na transformação de inúmeras vidas através das décadas. O significado dos fatos demonstrados neste artigo, porém, dado o pano de fundo histórico dos Batistas brasileiros e as práticas popularizadas de louvor musical hoje em dia, se encontra na indicação de que  *muito mais do que um novo estilo de cânticos* veio a dominar “o louvor” coletivo durante este período. Em conjunção com várias outras ações, a música contemporânea se transformou em uma *ação sacramental*.

Os críticos das práticas dos estilos contemporâneos no *louvor*, que também se aderem firmemente aos conceitos calvinistas ou reformados, ou pertencem a denominações “clássicas”, lamentam em primeira linha que houve uma

<sup>30</sup> DIANTE DO TRONO. “História”, Disponível em: <http://diantedotrono.com/historia/>, 2016. Acesso em: 21 abr. 2017.

<sup>31</sup> REDE SUPER DE TELEVISÃO. “TV Online”, Disponível em: <http://redesuper.com.br/assista-online/>, 2011. Acesso em: 21 abr. 2017.

deslocação da ênfase da “real presença”, tendo sido mudada da ceia do Senhor (eucaristia) para esta porção do culto coletivo. Desta forma, Jacqueline Dolghe, em sua dissertação de mestrado sobre o movimento neopentecostal “Renascer em Cristo”, considera que o caráter transdenominacional do contexto evangélico brasileiro é responsável por ajudar neste deslocamento nas denominações tradicionais. Em sua análise, ela descreve como as “equipes de louvor” cresceram nos anos 60 e 70 e trouxeram uma transformação da liturgia em grande parte das denominações. Esta revolução foi ainda mais moldada nos anos 90, com o crescimento do mercado de música Gospel. Este novo tipo de culto, transportado do movimento carismático, demonstra um sincretismo de “espaços, objetos, estetização, emocionalismo e magia”, como afirma o Dr. Leonildo Campos e citado por Dolghe.<sup>32</sup> Neste modelo, ela observa “uma espécie de catarse ou de êxtase espiritual, direcionada por meio da música, sob o comando do “ministro de louvor””.<sup>33</sup> Dentro deste contexto, “o grupo reconhece que o ministro de louvor é portador de uma “unção espiritual” que o diferencia dos demais”.<sup>34</sup> Dolghe identifica o que para ela parece ser o ponto crucial desta deslocação: “É aqui que o *dispositivo protestante* que traz a *presença da divindade*, como falou Willaime, é deslocado para o momento de louvor. Ocorre a inversão dos papéis entre a prédica e a música. Esta última pode, sozinha, trazer por meio do dispositivo emocional a presença da divindade no culto”.<sup>35</sup>

As observações de Jacqueline Dolghe utilizam uma linguagem sacramental definitiva da “presença divina”. A sua dissertação não busca negar a existência de um ato de adoração (culto) ou ritual que possa trazer a “real presença divina”. Pelo contrário: ela reafirma a sua crença, em todo o seu texto, de que a *prédica* é o dispositivo protestante privilegiado com o papel de fazer com que este encontro divino aconteça. Sobre a base da prioridade da prédica, a qual ele entende ser o privilégio do pastor (até identificado com o sacerdócio), Dolghe promove a ideia de que o conflito pela liderança do louvor musical contemporâneo reflete essencialmente uma batalha pelo poder entre leigos e o clero. Certamente existem conflitos de poder entre os chamados “leigos” e

<sup>32</sup> DOLGHIE, 2006/2007, p. 7.

<sup>33</sup> DOLGHIE, 2006/2007, p. 11.

<sup>34</sup> DOLGHIE, 2006/2007, p. 11.

<sup>35</sup> DOLGHIE, 2006/2007, p. 13.

“o clero”, ou pastores e líderes de louvor. Porém, o desejo por poder e controle do culto é provavelmente uma razão muito rasa para a tensão contínua que tem existido. É razoável, no entanto, compreender que as pessoas tendem a se comportar de formas coerentes com o que realmente creem em seu interior, e a corresponder com ações em sintonia com as suas percepções sobre o que é necessário, apropriado ou correto (mesmo que, afinal de contas, as suas impressões sejam errôneas). É possível que no contexto da mudança de estilo de música cültica da segunda metade do século passado, jovens “leigos” buscaram espaço para a sua música própria e comentários (“ministração” incluindo exortações e profecias), não por terem um desejo pecaminoso de obterem poder ou autoridade acima dos outros, mas porque sentiam uma necessidade espiritual de ter um *meio* pelo qual poderiam se encontrar com Deus. Este meio – a música – já havia sido infiltrado com ideias de efetividade sacramental, em grande parte através dos vários ministérios de música carismáticos que surgiram desde os anos 60.

O renomado pastor presbiteriano Augusto Nicodemus<sup>36</sup> aborda regularmente o tópico das “equipes de louvor” nas igrejas brasileiras. Em uma entrevista gravada em vídeo, ele reconta uma história sucinta do desenvolvimento deste “momento de louvor”, o qual ele descreve como “um culto dentro do culto”<sup>37</sup> Augustus Nicodemus atribui ao livro de Merlin Carothers chamado *Prison to Praise*, o qual infelizmente foi publicado em português com o título Louvor que Liberta, uma forte influência no desenvolvimento do significado “do louvor”. Neste livro, o capelão Carothers escreve o testemunho da sua conversão e posterior entrada no movimento carismático. Ele exorta os crentes a louvar a Deus em qualquer circunstância da vida e a confiar nEle pelos resultados. Na realidade, este livro não aborda música no contexto de louvor e adoração em momento nenhum. Não há indicação de que o conteúdo do livro tenha sido manipulado ou modificado quando foi traduzido ao português, mas a conexão semântica do termo *louvor* com *cântico* entre os evangélicos brasileiros ajudou a avançar a crença

<sup>36</sup> THE GOSPEL COALITION. “The Growing Crisis Behind Brazil’s Evangelical Success Story,” <https://www.thegospelcoalition.org/article/the-growing-crisis-behind-brazils-evangelical-success-story/>, 2012. Acesso 21 abr. 2017. Augustus Nicodemus recebeu seu doutorado (PhD) em Interpretação Bíblica do Seminário Teológico Westminster nos EUA.

<sup>37</sup> ESCOLA CHARLES SPURGEON, “O Papel dos Grupos de Louvor na Adoração – Augustus Nicodemus Parte 2”, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oDWynDzxImO>. Acesso 21 abr. 2017.

popular de que “o louvor” (sendo este o momento de louvor e adoração por meio da música) teria de alguma forma o poder de liberar a pessoa de suas prisões espirituais. Nicodemus não é o único que menciona esta percepção do livro de Carothers (certamente, creio eu, uma influência não intencional do autor original) como promotor deste aspecto sacramental do *louvor*. Nosso colegiado de pastores com quem servi no Brasil também caracterizou *Louvor Que Liberta* como um catalisador definitivo, inclusive o pastor de jovens, que por um longo tempo foi gerente de uma loja de livros cristã e que conheceu bem a popularidade deste livro.

Um programa de televisão e rádio pela internet é produzido pela TV da Ilha<sup>38</sup> também utilizando o título *Louvor Que Liberta*. Este programa é ilustrador do propósito e do entendimento do que é o *louvor*. O locutor chama os ouvintes para que fiquem sintonizados para os próximos *louvores* e para a pregação da Palavra de Deus. Um site cristão de informações, chamado “Conexão Eclésia”, aborda a frase *Louvor que Liberta* em uma de suas páginas.<sup>39</sup> As primeiras linhas demonstram imediatamente a associação fixa da palavra *louvor* com *cântico de louvor*: “O que é, de fato, o louvor? É diferente de simplesmente cantar. Podemos, muitas vezes, cantar, mas não alcançar ou discernir o verdadeiro louvor. Precisamos aprender a louvar, muito mais do que aprender a simplesmente cantar”. Na realidade, o que o autor desta página está ensinado é correto: realmente, cantar em si não constitui um louvor consciente e intencional. Mas o que fica abaixo da superfície destas linhas é que o autor supõe que a ação distinta descrita pela palavra `louvor` é de fato efetuada através do cantar. Uma página no site da Igreja Batista da Lagoinha busca esclarecer o fato de que apesar de se falar do *louvor que liberta*, não é o *louvor* em si que o faz, mas Deus que o faz “através do *louvor*”.<sup>40</sup> (ênfase minha) Mesmo assim, esta última explicação não oferece nenhuma distinção entre *louvor* como qualquer ação executada para glorificar a Deus e para promover a Sua Verdade e o meio de expressão: a música (cântico).

<sup>38</sup> TV DA ILHA DIGITAL. “Louvor que Liberta”. Produção de: [www.tvdailha.com](http://www.tvdailha.com), programa do dia 24 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=71wql8SMYKg>. Acesso 22 abr. 2017

<sup>39</sup> CONEXÃO ECLÉSIA. “Louvor que Liberta,” 15 de janeiro de 2014, Disponível em: <http://conexaoeclesia.com.br/2014/01/15/o-louvor-que-liberta/>. Acesso 27 abr. 2017.

<sup>40</sup> IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. “Igreja” – “Ministério de Louvor da Lagoinha”. Disponível em: <https://www.lagoinha.com/ibl-vida-crista/louvor-que-liberta-ou-deus-que-liberta-atraves-do-louvor-2/>, 2013. Acesso 26 março 2019.

Marcio Valadão, pastor da Igreja Batista da Lagoinha, em seu curto livro *Louvor e Adoração*, fala sobre a importância da oração, do louvor e da adoração a Deus. Este livro contém exortações bíblicas para que o povo de Deus o louve e que viva em uma atitude constante de oração, a qual certamente *pode* ser expressada por meio de cânticos. Apesar de que o livro aponta para uma parte crucial da vida cristã, o Pr. Valadão utiliza a linguagem coloquial que usa o termo *louvor* de forma que é praticamente indistinto de “música” ou “cântico”. Mesmo que não o tenha feito propositalmente, este uso continua a reafirmar a função *mediadora* do “momento do louvor”. Para fins de ilustração, referindo-se ao versículo 42 do segundo capítulo de Atos, o Pr. Valadão afirma que os crentes oraram cantando, enquanto a passagem bíblica não o diz.

Além da fixação do termo *louvor* como designação de cântico(s), significado sacramental também foi infundido no “momento do louvor” pelo uso frequente do termo *levita* para os membros das equipes de louvor.<sup>41</sup> O termo se refere à função musical exercida por um número limitado de membros da tribo de Levi dentro da antiga aliança. A infeliz transferência deste termo desconsidera o significado muito mais amplo do levita do Antigo Testamento, em particular os homens da tribo de Levi, os quais serviam a Deus de diversas formas e não somente por meio da música. Os filhos de Asafe eram os levitas com a responsabilidade primária por este ministério, assistidos também por outros levitas (por exemplo: 1 Cr 15, 16, 25 e 2 Cr 5, 29, 31). A aplicação do termo *levita* para a função exercida por músicos do louvor imprime ainda mais a ideia nas mentes dos crentes de que os participantes (músicos, cantores do *louvor*) funcionam de uma forma sacerdotal,<sup>42</sup> e atribui um conceito privilegiado a certos indivíduos dentro do contexto de um ritual sacramental. A aplicação do termo neste contexto frequentemente contradiz as crenças (ou aspectos doutrinários) destas mesmas igrejas, inclusive a doutrina do sacerdócio de

<sup>41</sup> NÚCLEO DE APOIO CRISTÃO. “O que é um levita”? Disponível em: <http://www.nucleodeapoiocristao.com.br/estudos/adoracao/oquelevita.html>, Acesso 24 abr. 2017. O termo “levita” neste sentido pode ser encontrado facilmente por meio de uma busca na internet e interação pessoal com o ambiente evangélico brasileiro, apesar de que o termo não seja usado tão comumente nas igrejas batistas brasileiras.

<sup>42</sup> SLIDESHARE, “Seminário sobre Louvor e Adoração”. Disponível em: <https://www.slideshare.net/rodrigocristao84/seminario-sobre-louvor-e-adorao>, slide 1. Acesso 24 abr. 2017. O termo “levita” ocorre em materiais de instrução em capacitações de músicos de igrejas. Esta fonte é ilustrativa deste uso em um grande número de capacitações ou oficinas.

todos os crentes. Não obstante a popularidade do conceito de “levita” entre crentes carismáticos no Brasil, e o fato de que este uso não é totalmente ausente nas igrejas tradicionais, esta nomenclatura recebe forte resistência de pastores Batistas e de outros membros destas igrejas.<sup>43</sup>

A existência de algo incomum neste momento do *louvor* é reconhecido tanto por pentecostais como por não pentecostais, isto é, não estou declarando ter feito uma nova descoberta. O pastor e autor da Assembleia de Deus João A. de Souza Filho, por exemplo, dedica uma grande parte do seu livro *O Livro de Ouro do Ministério de Louvor* para identificar o modelo contemporâneo de louvor e adoração e as suas problemáticas.<sup>44</sup> O Pr. Douglas Baptista, das Assembleias de Deus de Brasília, também confronta os problemas do “momento do louvor”, destacando a tendência popular judaizante do Cristianismo no Brasil do século 21. Ele afirma que este processo não é novo na história da igreja. A prática “... é parente da paganização. Tudo isto é produto de uma *hermenêutica defeituosa*, que não compreende as distinções entre os dois Testamentos. Os critérios para interpretá-los são diferentes. A pompa e a liturgia do judaísmo deram lugar à desburocratização no Cristianismo. A palavra final de Deus foi dada em Jesus Cristo”.<sup>45</sup>

#### 4. OS ELEMENTOS DO “MOMENTO DE LOUVOR”

No contexto brasileiro, o “momento de(o) louvor” é constituído de uma variedade de ações e formas que se tornaram integrais e se cristalizaram em um padrão que leva o participante a avaliá-lo como “bom” ou não. Entre as suas características encontramos gestos como o do fechar dos olhos e o levantar das mãos, movimentos do corpo (balanço), formação do grupo vocal (ex: 4 a 5 cantores, todos com microfones, voltados para a congregação), banda musical estilo rock (violão, guitarra elétrica, teclado e bateria), forma musical dos cânticos com repetições e dinâmica musical (interpretação) previsíveis e entonação de voz distinta, usada pelo líder da equipe durante

<sup>43</sup> O uso frequente desta terminologia pode-se ver também em SCRIBD, disponível em: [www.scribd.com](http://www.scribd.com).

<sup>44</sup> SOUZA FILHO, João A. de. *O Livro de Ouro do Ministério de Louvor*. São Paulo: Grupo Z3, 2010.

<sup>45</sup> CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS. “Pr. Douglas Baptista, Judaizantes Modernos e suas Práticas Perniciosas”, em 15 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/douglasbaptista/o-cristao-e-o-mundo/91/judaizantes-modernos-e-suas-praticas-perniciosas.html>. Acesso em: 24 abr. 2017.

a participação. No total, estas características não são exclusivas das igrejas brasileiras. Mas, além delas, a prática integral da *ministração*<sup>46</sup> caracteriza o “momento do louvor” talvez mais enfaticamente do que qualquer outra ação. *Ministração* serve como termo coletivo para ações primordialmente verbais, executadas para exortar ou repreender a congregação, explicar a razão do uso do cântico do momento, levar a congregação à presença de Deus (e, assim, a um “verdadeiro” louvor), ou mesmo para fazer com que o Espírito de Deus caia sobre aquela congregação em poder. Barry Liesch, mesmo sendo um forte defensor de modelos contemporâneos de louvor e adoração musicais, responde a práticas semelhantes com a seguinte advertência: “Em algumas igrejas a música cessa após cada cântico e o líder explica como cada cântico se encaixa no tema. Não acho isso muito atraente. Use as palavras com moderação”.<sup>47</sup> A típica *ministração* a qual nos referimos neste artigo contém mais do que simples comentários, e possivelmente é o elemento-chave que cria esta atmosfera especial que, em certos contextos, se presume ter poder espiritual.

Durante uma das capacitações da Convenção Batista Mineira que a Associação dos Músicos Batistas de Minas Gerais pôde oferecer, após abordar que não existem normas bíblicas específicas para “a”<sup>48</sup> *ministração*, uma líder de louvor de uma das igrejas participantes expressou a sua dificuldade de conceber dirigir “o louvor” sem “a” *ministração*. Ela também comentou que às vezes esta expectativa é proveniente mesmo dos pastores. Infelizmente, muitos pastores e líderes de adoração não observam a conexão abordada por Charles Farhadian: “A **prática** da adoração (ou de culto) está inseparavelmente associada ao **propósito** da adoração (ou do culto)”<sup>49</sup> (ênfase minha). Assim, desconhecendo as implicações deste modelo, eles promovem e perpetuam uma prática que frequentemente é inconsistente com as suas próprias confissões de fé. Quanto à atual identificação rígida de louvor com o bloco de tempo usado

<sup>46</sup> *Ministrar* significa, na realidade, servir (sentido básico), oferecer, prover ou executar. Creio que possivelmente este último sentido (executar, ou fazer acontecer) tenha sido a ideia fundamental para o uso incomum desta palavra dentro do contexto do louvor musical no Brasil.

<sup>47</sup> LIESCH, 2001, KL 1696-1697.

<sup>48</sup> O artigo definido “a” junto à palavra “ministração” reafirma o conceito de que estas ações são partes presumidamente fixas, que não podem ser eliminadas, do momento do *louvor*.

<sup>49</sup> FARHADIAN, Charles E. **Christian Worship Worldwide: Expanding Horizons, Deepening Practices** (*Adoração Cristã Global: Expandindo Horizontes, Aprofundando nas Práticas*). Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans, 2007. KL 2206. Kindle Edition.

no culto para o “momento (musical) de louvor, o Pastor Souza Filho alerta os seus leitores: “Crítica-se a liturgia antiga, que nossos pais usavam no culto a Deus, mas cria-se *uma nova, rígida*, em que todos se veem *obrigados a cumpri-la*”.<sup>50</sup> (ênfases minhas)

A ‘necessidade’<sup>51</sup> de falar antes ou após um cântico, no contexto evangélico brasileiro, está tão arraigada na mente de líderes de louvor e de congregados, que isso se percebe mesmo nas reuniões de pequenos grupos. Em 2015, em Ipatinga, conheci um rapaz de uns 30 anos, recém-convertido, membro de uma outra igreja Batista (tradicional) na cidade. Ele expressou a necessidade que sua igreja sentia para o *louvor* na sua igreja de ter um *ministrador* que pudesse levar a congregação a adorar. Sua preocupação era com os membros de idade mais avançada que “não fecham seus olhos e não levantam as mãos” quando cantam, e preferem os hinos antigos. A sua percepção era que um ministrador poderia remediar esta situação. Este jovem crente demonstrava grande sinceridade em sua consagração e seu cuidado pela sua igreja. Mas a sua percepção é ilustrativa do fato de que louvor ou adoração se tornou um padrão de execução de tal forma, que uma pessoa que somente nos últimos anos veio a participar de cultos evangélicos pode facilmente presumir que um “louvor verdadeiro” precisa se encaixar dentro deste modelo.<sup>52</sup>

Muitos *ministradores* iniciam seus períodos de louvor musical chamando a igreja (às vezes com um tom de “mandar a igreja”) a “declarar”<sup>53</sup> as devidas verdades (ou temas) que o(s) cântico(s) contêm. Inicialmente esta prática pode parecer ser inócua, já que verdadeiramente se está “declarando” as

<sup>50</sup> SOUZA Filho, 2010, p. 16.

<sup>51</sup> É importante reconhecer que esta *dependência* da fala ao redor dos cânticos está no cerne da problemática do significado sacramental discutido neste artigo. Porém, não estou sugerindo de forma alguma que seria impróprio oferecer comentários ocasionais e explicações de transições entre cânticos para ajudar os congregados a entender melhor o que estão fazendo e animá-los a participarem integralmente.

<sup>52</sup> Certamente, a impressão contemporânea de que ‘louvor’ ou ‘adoração’ deve ser dirigido por violão ou bandas não é monopólio de igrejas brasileiras. John Witvliet descreve este desenvolvimento em seu livro, referindo-se às igrejas da América do Norte: “Milhares de cristãos norte-americanos simplesmente presume que a música no culto é propriamente executado por uma banda de ‘louvor’ conduzida por um violão, e não por um órgão, e que o gênero (ou estilo) musical da música litúrgica não é a hinódia, mas cânticos (corinhos) e baladas.” (tradução minha) WITVLIET, John D. *Worship Seeking Understanding: Windows into Christian Practice, (Adoração Buscando Entendimento OU Adorar Buscando Entendimento: Janelas Voltadas para a Prática Cristã*. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2003, p. 235. Kindle Edition

<sup>53</sup> “Você vai declarar...” ou “Nós vamos declarar...”

verdades que estão sendo cantadas, tanto como para louvar a Deus quanto para comunicar estas mensagens aos crentes e aos não-crentes. Porém, como Augustus Nicodemus indica,<sup>54</sup> esta prática é um resultado do movimento da “confissão positiva” que originou na primeira metade do século 20 com o pastor Batista Essek W. Kenyon.<sup>55</sup> Esta visão doutrinária une poder supernatural às palavras “faladas” (ou os “pronunciamentos”) – presume-se que em concerto com a Palavra de Deus – e promove a crença de que o que for “declarado” com a boca, *inevitavelmente se tornará realidade*. Uma citação na primeira página do site oficial que divulga as publicações de Kenyon atesta este ponto: “Nos primeiros dias do meu ministério eu descobri que a Palavra de Deus, falada (pronunciada) através dos meus lábios, mudava as vidas das pessoas e as libertava”.<sup>56</sup> Este tipo de expressão de fé se manifestou de outras formas ainda nas décadas seguintes e, na realidade, passou a permear o colóquio do meio evangélico brasileiro. Esta prática (com sua doutrina subentendida) pode ser identificada não somente no “momento do louvor”, como também nas formulações de orações (não cantadas) de muitos crentes.

Dentro da *ministração* o dirigente do *louvor* pode não simplesmente dar testemunhos pessoais, exortar e repreender a igreja, mas também exercer um tipo de função profética (não somente proclamatória, mas inclusive afirmando o que acontecerá no futuro – o que coloquialmente é compreendido como “profecia”). Esta prática não é completamente distinta da doutrina de “confissão positiva”. No período do *louvor*, o dirigente (ou vários) clamam a Deus por um número de razões, apelam emocionados a Deus e à congregação antes, durante e após um cântico. John Witvliet chama estes líderes de adoração de “*liturgistas* que oferecem comentário sobre a música e o progresso do culto”<sup>57</sup> (ênfase minha). Nas igrejas brasileiras, além do papel de liturgistas, existe uma percepção pastoral que desenvolveu ao redor da pessoa do líder de louvor bem mais pronunciada do que aquela presente na consciência do crente moderno na América do Norte. Apesar de que este artigo não poderia abordar profundamente ainda mais um termo de uso coloquial

<sup>54</sup> ESCOLA CHARLES SPURGEON. “O Papel dos Grupos de Louvor na Adoração – Augustus Nicodemus Parte 2”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oDWynDzxlmo&t=58s>, ao minuto 1. Acesso 25 abr. 2017)

<sup>55</sup> KENYON’S GOSPEL PUBLISHING SOCIETY. Disponível em: <http://www.kenyons.org/>, 2013-15. Acesso 25 abr. 2017)

<sup>56</sup> KENYON, 2013-15.

<sup>57</sup> WITVLIET, 2003, p. 231.

entre evangélicos brasileiros, basta dizer que o termo *Pastor*, que no Brasil é utilizado como designação clérica e título e não somente para aqueles que exercem esta função em uma igreja local, já se tornou um termo comum entre os cantores evangélicos mais conhecidos.<sup>58</sup>

## 5. TRÊS FACETAS DA PERCEPÇÃO SACRAMENTAL

Três facetas inerentes no conceito de *sacramento* podem ser encontradas no “momento do louvor” em igrejas evangélicas brasileiras, assim como em eventos públicos: 1. O sentido de **entrada espiritual** na presença de Deus no Santíssimo; 2. A **função mediadora** entre Deus e o ser humano por meio de um ritual pré-arranjado ou através de ações cerimoniais que servem como “meios de graça” indispensáveis; 3. O conceito de **trazer (fazer presente) a “real presença”** de Deus através do Espírito Santo no meio de uma devida congregação. Estas três ideias-chaves não são completamente distintas e frequentemente parecem confluir ao longo do “momento do louvor”.

A primeira entre estas três facetas possui um apoio bíblico forte para ações desta categoria na carta aos Hebreus no Novo Testamento. À base do sacrifício de sangue e obra mediadora de Cristo, o crente é chamado a entrar no *santíssimo lugar*, ou seja, ao trono de graça:

Tendo pois, irmãos, ousadia para *entrarmos no santíssimo lugar*, pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele nos inaugurou, caminho novo e vivo, através do véu, isto é, da sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência, e o corpo lavado com água limpa” (Hb 10.19-22).

*Cheguemo-nos, pois, confiadamente ao trono da graça*, para que recebamos misericórdia e achemos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno (Hb 4.16). (ênfases minhas).

<sup>58</sup> Por exemplo: Pr. Ana Paula Valadão, DIANTE DO TRONO. “História - Diante do Trono”. Disponível em: <http://diantedotrono.com/historia/>, 2016. Acesso em: 26 abr. 2017; Pr. Fernanda Brum, DOSES DE ÂNIMO, “Pregação da Pastora e Cantora: Fernanda Brum”. Disponível em: <http://dosesdeanimoblogspot.com/2012/11/pregacao-da-pastora-e-cantora-fernanda.html>. Acesso em: 26 abr. 2017. Fernanda Brum recentemente fundou sua própria congregação no Rio de Janeiro, mas já era previamente reconhecida como *Pastora* apesar de não ter exercido esta função (oficialmente) em sua igreja anterior. Veja também o site da Igreja Batista da Lagoinha no que se refere à função *pastoral do louvor*: <http://www.lagoinha.com/ibl-igreja/ministerio-siloe-deficientes-visuais/>. Acesso 1 maio 2017.

O autor desta epístola do Novo Testamento admoesta aos redimidos filhos de Deus para que se aproximem com confiança e entrem pela fé na presença de Deus (o *Santíssimo*). Nós, os crentes em Cristo Jesus, recebemos este privilégio pela expiação e obra mediadora Dele. O “momento do louvor” então, neste sentido, pode providenciar *uma oportunidade* à igreja reunida para que ela se aproxime de Deus pela fé.

Na mesma linha de pensamento, por exemplo, os pastores Wimber e Espinosa, de Anaheim, California, desenvolveram um modelo chamado de Adoração em 5 Fases, ou “Louvor Contínuo” (“Free-flowing Praise” – ver nota de rodapé 20).<sup>59</sup> Este padrão tem em vista uma progressão entrando no Lugar Santíssimo, e finaliza com um momento calmo de adoração íntima. O que ficou ausente ao longo dos anos de desenvolvimento deste modelo, porém, foi a advertência ao povo de Deus para que ele não vinculasse sua *confiança (fé)* à presença de certos elementos musicais no “momento de louvor” durante o culto. Este, por fim, deslocaria – e verdadeiramente deslocou – em muitos crentes a atenção para a *forma* ou *formato* das práticas musicais, ao invés de afixar a confiança na simples aproximação a Deus pela fé por meio da oração. O teólogo D. A. Carson alerta quanto ao misticismo vinculado a este “momento”: “Objetivamente, o que nos traz à presença de Deus é a morte e a ressurreição do Senhor Jesus”. Quando esta percepção mística é infiltrada no “momento de louvor musical”, não dura muito para que pensemos sobre este tipo de adoração como sendo meritória, eficaz, ou algo semelhante”.<sup>60</sup> O significado místico do “momento de louvor musical” também pode ser uma indicação de uma crença em um cumprimento imediato (no momento presente, ao invés de escatológico – quando Cristo voltar) das profecias do Antigo Testamento, como é sugerido na página do Ministério de Louvor da Lagoinha:

Hoje, vemos cumprir-se a promessa da restauração do Tabernáculo de Davi (Am 9.11), quando o *louvor* é restituído à Casa de Deus em todas as suas formas: com danças, com cânticos novos, com liberdade de expressão e

<sup>59</sup> LIESCH, Barry Wayne. **The New Worship**: Barry Liesch aborda o modelo de organização de música chamado “free-flowing praise” (neste artigo traduzido como *louvor contínuo*) que é atribuído a John Wimber, ex-pastor da Igreja Vineyard em Anaheim, CA. Liesch explica e comenta sobre as ideias por trás deste modelo nos capítulos 3 e 4 de *The New Worship*. No momento não estou a par de nenhuma tradução deste livro inteiro ao português.

<sup>60</sup> CARSON, D. A. “Worship under the Word”, capítulo 1 em **Worship by the Book**, D. A. Carson, editor. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002, p. 50-51.

culto, *trazendo o ambiente profético à Igreja do Senhor*.<sup>61</sup>  
(ênfase minha)

O segundo aspecto de significado sacramental mencionado acima é de *mediação*, sua função como “meio de graça”, não como instrumento “de salvação da condenação eterna” (como na teologia da Igreja Católica Romana, mas em termos de benefícios espirituais. O “louvor musical” apresenta características que sugerem possuir esta visão e chega muitas vezes a uma função quase que exclusiva de acesso ao trono de Deus, tanto na ótica eclesiástica como na popular. Por exemplo, em sua *Missão e Visão*, o Ministério Diante do Trono indica sua tendência a esta percepção:

*Missão* – Agradar a Deus em tudo o que fazemos, honrando-O nos palcos e bastidores, nos processos e nos resultados, para que nossa adoração seja aceita diante do Trono e *poder do Espírito seja derramado por nosso intermédio, transformando vidas e nações*.

*Visão* – *Adoradores que trazem o Céu na Terra*, expressando o Reino de Deus em todas as esferas da sociedade para a transformação do Brasil e do mundo.<sup>62</sup>  
(ênfases minhas)

Sucintamente, este ministério tem como alvo e intenção *mediar* o derramamento do Espírito Santo sobre aqueles que participam de seus eventos.

O Novo Testamento usa o termo “mediador” somente para Jesus. Em 1 Timóteo 2.5 lemos que “há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”. De acordo com as Escrituras, há somente *uma pessoa* que, por meio do seu próprio esforço e obra, pode fazer acontecer uma reconexão entre o homem pecador e o Deus Santo. Esta pessoa é o Filho de Deus, Jesus Cristo. Não obstante, certas ações, instituições ou indivíduos podem ser vistos como “mediadores” porque foram instituídos por Cristo ou pelo Pai para dirigir as pessoas a Deus. Neste sentido, por exemplo, o Espírito Santo serve como “intermediário” da presença do Filho na vida do crente continuamente. O líder de adoração e músico Bob Kauflin cita J. I. Packer e explica: “O distinto, constante e fundamental ministério do Espírito

<sup>61</sup> IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. “Igreja” – “Ministério de Louvor da Lagoinha”. Disponível em: <http://www.lagoinha.com/ibl-igreja/ministerio-siloe-deficientes-visuais/>, 2017. Acesso 1 maio 2017.

<sup>62</sup> DIANTEDOTRONO. “Missão e Visão”. Disponível em: <http://diantedotrono.com/historia/>, 2016. Acesso 21 abr. 2017.

Santo dentro da nova aliança é ... *mediar* a presença de Cristo nos crentes”.<sup>63</sup> (ênfase minha) Ele destaca que o “teólogo Wayne Grudem concorda (com isso) quando diz que um papel principal do Espírito Santo ‘na era da nova aliança é manifestar a presença de Deus, dar indicações que façam com que a presença de Deus seja reconhecida’”.<sup>64</sup> Além disso, crentes como indivíduos, quando fazem intercessão por outros, praticam uma forma de “mediação”. Possivelmente foi ao longo da jornada histórica desta perspectiva bíblica que ações rituais ou eventos receberam uma função mediadora, ou sacramental.

É crucial entender, porém, que qualquer privilégio de mediação que a igreja ou indivíduos possam ter, é somente capaz de levar pessoas a Deus por meio de Jesus Cristo. Fora o Mediador Jesus Cristo, crentes podem servir como introdutores e comunicadores. Atos mediadores ou intercessão podem ser ilustrados pela participação do discípulo André em levar Simão Pedro a Cristo (Jo 1.40-42). André apresentou Pedro a Cristo, mas quem de fato fez a ponte para levar a Deus foi Jesus. Assim, de uma forma comunicativa, não redentora, a capacidade de *mediação* poderia ser atribuída a outras pessoas ou ações.

Geoffrey Wainwright apresenta mais um aspecto de mediação que está ainda mais vinculado à doutrina sacramental tradicional. Citando W. Beinert, ele atribui este papel de mediação à Igreja dentro do contexto da teologia católica. Beinert apresenta a igreja como “o sacramento, isso é, o *sinal* e o *instrumento* de união íntima com Deus e da unidade de toda a humanidade”.<sup>65</sup> Como indicado anteriormente, a interpretação católica difere da visão protestante da igreja. Enquanto os protestantes (geralmente incluindo denominações consideradas evangélicas ou da tradição reformada) consideram a igreja como comunicadora e representante de Cristo na Terra, eles não atribuem poder à mesma para conferir salvação ou bênção como instituição, como o termo “instrumento” tende a significar.

Mediação, dentro da visão teológica de sacramento, comumente revolve em torno de *uma ação* ou *ritual*, não considerando como atores principais (ou mediadores) o ser humano que executa a ação. No caso do ministério Diante

<sup>63</sup> PACKER, J.I. *apud* KAUFMAN, Bob. **True Worshipers**: Seeking What Matters to God (*Verdadeiros Adoradores: Buscando o que Importa para Deus*). Wheaton, IL: Crossway, 2015, p. 130. Kindle Edition.

<sup>64</sup> GRUDEM, Wayne *apud* KAUFMAN, 2015, p. 130.

<sup>65</sup> BEINERT, W. *apud* WAINWRIGHT, 1997, p. 87.

do Trono, não há dúvida de que eles não se posicionam como mediadores absolutos, nem como se fossem a única igreja ou instituição pela qual todos precisam passar para chegar a Deus. Esta visão seria profundamente contraditória à doutrina deste ministério. Na realidade, a intenção da Igreja Batista da Lagoinha e dos seus ministérios é de comunicar em nome de Deus o que seja a vontade de Deus para o ser humano, e assim serem usados para levar pessoas a Cristo, o *único mediador*, e conseqüentemente servirem como catalisadores para o derramamento do Espírito Santo. Mesmo assim, além dos significados teológicos que desenvolveram sobre o “momento de louvor musical” ao longo do tempo, a dificuldade outra vez se alicerça na associação fixa do termo *louvor com música de adoração ou louvor*. Esta conexão linguística leva multidões de pessoas a reforçar a crença de que esta mediação (subliminarmente compreendida como mais do que uma “comunicação”) é executada *precisamente pela música de louvor (ou adoração), e em particular no contexto do “momento do louvor”*. Adicionalmente, a crença no poder mediador da música de adoração pode ter sido grandemente responsável pela atribuição (frequentemente não expressada verbalmente) de valores de agência de adoração específicos a certos estilos contemporâneos. Sejam elas verbalmente expressas ou não, as várias ações executadas durante o “momento do louvor” contêm significados claramente sacramentais. Esta forma de agir padronizada funciona não somente como formatador do culto contemporâneo, mas em última instância também como comunicação de uma mensagem que pode estar contradizendo a posição doutrinária da mesma igreja que utiliza o modelo.

As fundamentações bíblicas frequentemente oferecidas para defender o pressuposto poder do *louvor musical* para libertar o crente dos poderes satânicos ou de enfermidades (uma das “graças” que certos grupos esperam receber pelo *louvor*) incluem as seguintes passagens: 1. O cair das muradas de Jericó (livro de Josué) após o soar das trombetas dos sacerdotes e do gritar do povo; 2. O efeito que o canto de Davi e o tocar da sua harpa teve sobre o espírito maligno que havia possuído o rei Saul (1 Samuel); e 3. O cantar de louvores pelo apóstolo Paulo e do seu companheiro Silas quando estavam na prisão em Filipo (Atos dos Apóstolos). O livro de Marcio Valadão, mencionado anteriormente, ilustra bem a prática de equiparar o *louvor musical* com *louvor propriamente dito*, verificado no uso do termo em várias instâncias

neste livro.<sup>66</sup> Apesar de que superficialmente exista um vínculo funcional entre o louvor musical e a libertação e a vitória nos textos mencionados acima, não há evidência de um poder efetivo e definitivo ser atribuído pelas Escrituras à música como meio principal e fixo. As muradas de Jericó caíram, sim, pela operação de Deus. As marchas ao redor da cidade serviram como obediência ao mandamento de Deus naquela instância específica (nunca se tornou um padrão para executar ações de batalha entre os Israelitas), e quando as trombetas soaram (provavelmente um sinal de guerra e não um “cântico” ou composição instrumental como os entendemos hoje), o povo obedeceu gritando, não cantando. Apesar de que as trombetas e o grito do povo poderiam ser vistos como ‘louvor’, eles não são representativos de uma composição musical, nem previamente criada, nem improvisada.

No caso de Davi e Saul, apesar de que a música acalmou o espírito de Saul inicialmente (1 Sm 16.23), isso não ocorreu em outra instância mais adiante:

No dia seguinte o espírito maligno da parte de Deus se apoderou de Saul, que começou a profetizar no meio da casa, e Davi tocava a harpa, como nos outros dias. Saul tinha na mão uma lança. E Saul arremessou a lança, dizendo consigo: Encravarei a Davi na parede. Davi, porém, desviou-se dele por duas vezes (1 Sm 18.10-11).

Apesar de toda influência positiva da música de Davi sobre Saul no dia a dia, nesta instância, o espírito maligno não foi “amarrado” pelos sons musicais produzidos por Davi. Ele teve que correr para sobreviver.

Quanto ao louvor cantado de Paulo e Silas em Atos 16, deve-se notar que os apóstolos estavam ali tanto orando como cantando louvores (certas traduções usando até o termo “hinos” para descrever o que cantavam). Não há nada no texto deste capítulo que indique que eles criam que por meio de ações musicais um milagre haveria de ocorrer com toda certidão. Contando como alegria o privilégio de serem perseguidos pela causa de Cristo, eles estavam simplesmente expressando a sua confiança em Deus, adorando-o por meio de suas orações e de cânticos (hinos). Lucas até continua esta história destacando que o efeito imediato das expressões de adoração e louvor de Paulo e Silas foi que “os presos os escutavam” (At 16.25).

A terceira faceta de significado sacramental encontrada no “momento

<sup>66</sup> VALADÃO, Marcio. **Louvor e Adoração**. Belo Horizonte: Igreja Batista da Lagoinha Publications, 1999/2010.

do louvor musical” em igrejas brasileiras se volta para o conceito da *real presença* de Deus quando a igreja se congrega. Como indicado anteriormente neste artigo, os sacramentos, em particular a *eucaristia*, como é vista dentro na teologia da Igreja Católica Romana e de certas denominações protestantes, servem uma função mediadora para conectar com a “real presença” de Deus. John Jefferson Davis diz que “a realidade central do entendimento da Ceia do Senhor no Novo Testamento é que o Cristo ressurreto, vivo e presente pelo Espírito, continua a se encontrar com Seu povo em uma comunhão alegre à *mesa*. Jesus Cristo está *realmente presente* na celebração da Ceia do Senhor, *não na (ou sobre a) mesa*, circunscrito pelos elementos, mas à (*perante a*) *mesa* como verdadeiro ministro e celebrante, continuando a gozar da comunhão com seus discípulos como ele o fez durante o seu ministério terrenal”.<sup>67</sup> (ênfases minhas) Davis está correto em dizer que “Jesus Cristo está realmente presente na celebração da Ceia do Senhor”. Porém, Ele está presente também quando a Ceia do Senhor não está sendo celebrada. Davis critica crentes como o reformador Zwinglio, que compreendia a celebração da ceia à “*mesa*” simplesmente como um memorial: “As reações Zwinglianias protestantes (somente memorial) à transubstanciação tenderam a produzir um sentido da *real ausência* de Cristo à *mesa*”.<sup>68</sup> A impressão geral que os liturgistas sacramentais oferecem, intencionalmente ou não, é que Cristo está realmente presente *somente* quando se observa a Ceia do Senhor. Reconhecemos, não obstante, que certos teólogos autores buscam equilibrar esta percepção indicando que o Senhor está presente com a igreja “de uma forma distinta em diferentes ocasiões”.<sup>69</sup>

Com estas ideias e visões sacramentais em mente, adeptos à prática do “momento de louvor musical” em igrejas brasileiras tendem a crer que o *louvor* tem a capacidade – talvez até o compromisso – de fazer com que Cristo esteja realmente presente por meio do derramamento do Espírito Santo. Esta visão pode ser claramente discernida nas ministrações e nas orações oferecidas durante ou ao final do ciclo de cânticos deste momento. A visão do ministério Diante do Trono fala de “adoradores que trazem o Céu na

<sup>67</sup> DAVIS, 2010, p. 359-352.

<sup>68</sup> DAVIS, 2010, p. 355.

<sup>69</sup> KAUFILIN, 2015, p. 132.

Terra”.<sup>70</sup> Se considerarmos esta expressão como uma metáfora para uma vida consagrada neste tempo presente na Terra, ou mesmo escatologicamente, a “Visão” proposta pelo ministério representa bem o desejo de todo aquele que tem fome e sede pela justiça. Porém, novamente, a constante associação cultural e linguística do termo louvor com a prática de ‘cânticos’ ou com o “momento de louvor musical” continua a apoiar a proposta hermenêutica deste e de outros ministérios, que agora mesmo, antes da volta de Cristo, as profecias de restauração como a do reestabelecimento do Tabernáculo de Davi estão sendo cumpridas por meio destas práticas musicais de adoração.<sup>71</sup>

O estudo dos escritos dos pais da igreja, feito por Calvin Stapert sobre o tema da música, ilumina bastante esta terceira faceta de significado sacramental. Ele dá uma atenção especial à percepção dos cristãos do passado sobre música abordando os propósitos da música (especialmente para a liturgia) dentro dos cultos pagãos e destacando a diferença destes quando comparados à percepção judeo-cristã sobre música. Stapert resume o propósito do canto cristão à ideia de ser *um modo (uma forma) de expressão*, pondo ênfase em particular na palavra “alegria”.<sup>72</sup> Citando James McKinnon, ele diz que o estado de espírito (“frame of mind”) de alegria “é uma herança direta do judaísmo”<sup>73</sup> e se encontra em contraste direto à intenção cültica grega. A música dos rituais pagãos tinha a importante função de *atrair (talvez até “seduzir” – em inglês “beguile”) a divindade*.<sup>74</sup> Stapert explica:

“Atrair a divindade” descreve bem uma importante função da música ritualista pagã; encaixa na categoria de *epiclesis*. O termo em si (derivado do grego *epikaleo*) é neutro: ele simplesmente significa “convocar”, “chamar”, “apelar”. Mas no ritual pagão, *epiclesis* não era tão benigna. Johannes Quasten chega até a dizer que “toda a antiguidade estava convencida de que a música tinha o poder de *epiclesis*”. E “poder” é a palavra-chave. Como

<sup>70</sup> DIANTE DO TRONO. “**Missão e Visão**”. Disponível em: <http://diantedotrono.com/historia/>, 2016. Acesso 21 abr. 2017.

<sup>71</sup> IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. “Igreja” – “Ministério de Louvor da Lagoinha”. Disponível em: <http://www.lagoinha.com/ibl-igreja/ministerio-siloe-deficientes-visuais/>, 2017. Acesso 21 maio 2017.

<sup>72</sup> STAPERT, Calvin R. **A New Song for an Old World: Musical Thought in the Early Church (Um Novo Canto para um Velho Mundo: Entendimento Musical na Igreja Primitiva)**. Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Co., 2007, KL 266.

<sup>73</sup> MCKINNON, James *apud* STAPERT, 2007, KL 267.

<sup>74</sup> MCKINNON, James *apud* STAPERT, 2007, KL 274-282.

Quasten explica, a música “era vista como capaz de exercer uma influência mágica sobre os deuses, de forma que ela se tornou em um meio pelo qual os homens controlavam os deuses”. O ritual cristão também inclui *epiclesis* . . . Mas, diferentemente da *epiclesis* pagã, não há poder mágico nela – musical ou de outro tipo. O Espírito Santo não é seduzido (ou atraído) a encher aquele que oram. *Epiclesis* cristã é peticionária, não manipulativa, e de uma forma peculiar ela pede por aquilo que já está concedido”.<sup>75</sup>

O “momento de louvor musical” demonstra regularmente as características de *epiclesis*. O aspecto peticionário em si, incluindo a oração para que o Espírito Santo opere nas vidas dos participantes de forma completa, não propõe nada contrário às Escrituras. Porém, a linguagem utilizada no “momento do louvor”, o modo e a inflexão da voz e do falar do ministrador (ou ministradora), assim como o *crescendo* musical que a acompanha e indica ou “inaugura” a presença do Espírito Santo na congregação, parecem contar uma história diferente. Durante uma visita pessoal a uma igreja Batista “tradicional” no sul de Minas Gerais em fevereiro de 2015, após o culto da manhã, o pastor interino estendeu a mim um convite para pregar durante o culto da noite. Eu aceitei. Durante o período típico (hoje quase que uma nova “tradição”) de louvor musical, um grupo de 4 jovens dirigiam 3 cânticos, o último dos quais levou a congregação a um momento de *epiclesis*. Quando se aproximava o fim daquele cântico, a ministradora iniciou um momento de oração intenso, com um falar rápido, repetitivo e de alto volume. Nesta oração, ela chamava ao Espírito Santo como se estivesse em êxtase. O “start” para este “modo” (*epiclesis*) foi tão abrupto, na minha opinião, que provavelmente foi percebido como estranho mesmo aos membros daquela congregação. A impressão que tive é de um ritual propositalmente programado, e não de uma manifestação genuína da líder, significando um desejo repentino e intenso de experimentar a presença do Espírito Santo.

Reitero novamente que esta crítica não tem o propósito de refletir negativamente na genuinidade de coração da fé e dedicação da “equipe de louvor” mencionada acima. Após o culto, aliás, pude conversar brevemente com os membros daquela equipe e as suas atitudes não deixaram dúvida nenhuma sobre o amor deles por Deus e a sua dedicação a Ele. Da mesma

<sup>75</sup> MCKINNON, James *apud* STAPERT, 2007, KL 274-278.

forma, todos os comentários e citações de vários autores e ministérios musicais usados para demonstrar a tese deste artigo não indicam nenhuma malícia real ou simplesmente percebida naqueles com quem este autor possa discordar. O ponto crucial deste artigo é demonstrar a clara “dependência” em um “meio” em particular – música de louvor e adoração e o conjunto de ações feitas dentro do período chamado “o louvor” - em uma grande parte do mundo evangélico brasileiro para alcançar benefícios do Senhor, para entrar na presença de Deus, ou para experienciar uma manifestação aberta do Espírito entre os congregados. *Esta dependência, segue o meu argumento, representa a existência prática (mesmo que não definida dogmaticamente) de um “novo sacramento”.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de louvor e adoração musicais dentro da nova aliança tem o privilégio de ter uma grande liberdade e variedade de expressão. Os textos do Novo Testamento não oferecem mandamentos nem proibições para uma grande parte das características encontradas nos estilos musicais contemporâneos de adoração, assim como as ações que acompanham estes estilos. Esta dissertação não tem como propósito restringir ou fazer demandas de mudanças em sua execução. Não obstante, ela é direcionada de tal forma a desafiar crentes em Jesus Cristo a levar a sério as suas expressões de louvor e adoração, a reabrir as suas “caixinhas” ou padrões, e analisar os seus planejamentos, programas, padrões e expectativas através de lentes hermenêuticas bíblicas apropriadas. Deve existir uma harmonia sólida entre as declarações de fé e as expressões práticas desta fé. Se este desafio for aceito de coração, uma percepção mais apurada do significado do “momento de louvor” poderá ajudar os ministros de adoração, pastores, e outros colaboradores no ministério de música a alinhar as suas práticas litúrgicas com os seus verdadeiros entendimentos teológicos. Por meio de oração e à base de um discernimento espiritual e bíblico, um consenso teológico poderá levar as igrejas evangélicas a crescer em união e respeito. A minha esperança é que líderes eclesiais nas igrejas Batistas brasileiras, das quais este texto recebeu o seu impulso inicial, assim como em outras igrejas ou organizações cristãs ao redor do mundo, se desdobrem para reavaliar o seu “momento de louvor musical”.

## REFERÊNCIAS

ASHTON, Mark; HUGHES, R. Kent; KELLER, Timothy; CARSON, D. A (editor). **Worship by the Book**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002. Kindle Edition

BARBOSA, Anderson. **As Memórias de “AdB”**. Ipatinga: Edição do Autor, 2016.

BEINERT, W. “Die Sakramentalität der Kirche im theologischen Gespräch“ in *Kirche und Sakrament*, vol. 9 of **Theologische Berichte**, ed. J. Pfammater and F. Fürger. Zürich: Benziger, 1980.

BEST, Harold. **Unceasing Worship: Biblical Perspectives on Worship and the Arts**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003.

CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS. Pr. Baptista, Douglas. “Judaizantes Modernos e suas Práticas Perniciosas, 15 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/douglasbaptista/o-cris-tao-e-o-mundo/91/judaizantes-modernos-e-suas-praticas-perniciosas.html>, 2014. Acesso 1 maio 2017.

CHAPPELL, Bryan. **Christ-centered Worship: Letting the Gospel Shape Our Practice**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009.

CONEXÃO ECLÉSIA. “Louvor que Liberta”, 15 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://conexaoeclesia.com.br/2014/01/15/o-louvor-que-liberta/>, 2017. Acesso 24 abril 2017.

DAVIS, John Jefferson. **Worship and the Reality of God: An Evangelical Theology of Real Presence**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2010.

DAWN, Marva J. **Reaching Out Without Dumbing Down: A Theology of Worship for the Turn-of-the-Century Culture**. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing, 1995.

DOLGHIE, Jacqueline Z. **Louvor e Carisma**: uma análise do poder religioso. Instituto Âncora de Ensino: Revista Digital de Estudos em Religião, 2006-2007. Disponível em: [http://www.revistaancora.com.br/revista\\_3/06.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_3/06.pdf). Acesso 20 abr. 2017.

DOLGHIE, Jacqueline Z. **A Renascer em Cristo e o Mercado de música gospel no Brasil**. Thesis (Master in Social Science and Religion). São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

DUCK, Ruth. **Worship for the Whole People of God**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2013.

ESCOLA CHARLES SPURGEON. “O Papel dos Grupos de Louvor na Adoração – Augustus Nicodemus Parte 2”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ODWynDzxlmo>. Acesso 21 abr. 2017.

ESV CLASSIC REFERENCE BIBLE. Wheaton, IL: Crossway, 2001.

FARHADIAN, Charles E. **Christian Worship Worldwide**: expanding horizons, deepening practices. Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans, 2007. Kindle Edition.

FRAME, John. **Worship in Spirit and Truth**. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 1996.

GRUDEM, Wayne. **Systematic Theology**: an introduction to Biblical Doctrine. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995.

HUNT, T.W. **Music and Missions**: discipling through music. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 1987.

IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. “Igreja” – “Ministério de Louvor da Lagoinha”. Disponível em: <http://www.lagoinha.com/ibl-igreja/ministerio-siloe-deficientes-visuais/>, 2017. Acesso 1 maio 2017.

KAUFLIN, Bob; BALOCHE, Paul. **Worship Matters:** Leading Others to Encounter the Greatness of God. Wheaton, IL: Crossway Books, 2008. Kindle Edition.

KAUFLIN, Bob. **True Worshipers:** Seeking What Matters to God. Wheaton, IL: Crossway, 2015.

KENYON'S GOSPEL PUBLISHING SOCIETY. <http://www.kenyons.org/>, Lynnwood, WA, 2013-15. (acesso 24 de abril de 2017).

LANG, Bernhard. **Sacred Games.** New Haven and London: Yale University Press, 1997.

LIESCH, Barry Wayne. **The New Worship:** Straight Talk on Music and the Church. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2001. Kindle Edition.

LOPES, Augustus Nicodemus Gomes. "The Growing Crisis Behind Brazil's Evangelical Success Story." Disponível em: The Gospel Coalition, <https://www.thegospelcoalition.org/article/the-growing-crisis-behind-brazils-evangelical-success-story/>, 2012. Acesso 21 abr. 2017.

MURADAS, Atilano. **Decolando nas Asas do Louvor.** São Paulo: Vida, 2000. Disponível em: <http://docslide.us/documents/decolando-nas-asas-do-louvorpdf.html>. Acesso 24 abr. 2017.

NÚCLEO DE APOIO CRISTÃO. "O que é um levita"? Disponível em: <http://www.nucleodeapoiocristao.com.br/estudos/adoracao/oquelevita.html>, 2002 - 2012. Acesso 24 abr. 2017.

OPSTAL, Sandra van. **The Mission of Worship.** Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2012. Kindle Edition.

PACKER, J. I. Keep in Step with the Spirit. Old Tappan, NJ: Revell, 1984.

PETERSON, David. **Engaging with God:** A Biblical Theology of Worship. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992.

RADMACHER, Daniel. *Experiencing Worship and Worshiping Experience*. Lulu Press, 2004.

REDE SUPER DE TELEVISÃO. “TV Online.” Disponível em: <http://redesuper.com.br/assista-online/>, 2011. Acesso 21 abr. 2017.

SCHMIT, Clayton J. **Sent and Gathered: a Worship Manual for the Missional Church**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009. Kindle Edition.

SEGLER, Franklin M.; BRADLEY, Randall, revisor. **Understanding, Preparing for, and Practicing Christian Worship**. 3.ed. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2006.

SOUZA FILHO, João A. **O Livro de Ouro do Ministério de Louvor**. São Paulo: Grupo Z3, 2010.

SPRADLEY, James P. **Participant Observation**. Long Grove, IL: Waveland Press, Reissue Edition 2016.

SPROUL, R. C. **How Then Shall We Worship?** Biblical Principles to Guide Us Today. David C. Cook Press, 2013.

STAPERT, Calvin. **A New Song for an Old World: Musical Thought in the Early Church**. Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Co., 2007.

TOZER, A. W. **The Purpose of Man: designed to worship**. Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 2009.

TV DA ILHA DIGITAL. Disponível em: [www.tvdailha.com](http://www.tvdailha.com), 2017. Acesso 22 abr. 2017.

VALADÃO, Marcio. **Louvor e adoração**. Belo Horizonte: Igreja Batista da Lagoinha, 1999/2010.

WAINWRIGHT, Geoffrey. **Worship With One Accord: Where Liturgy and Ecumenism Embrace**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

WEBBER, Robert E. **Worship Old and New: A Biblical, Historical, and Practical Introduction**. Revised Edition. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing Company, 1994.

WHITE, James F. **Christian Worship in North America**. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1997.

WILLAIME, Jean-Paul. “Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso” em: **Estudos da Religião**, São Bernardo do Campo, UMESP, Ano XVI, n 23, dezembro de 2002.

WITVLIET, John. “**At Play in the House of the Lord: Why Worship Matters**,” Books & Culture 4, 6 (November/December 1998). Disponível em: <http://www.booksandculture.com/articles/1998/novdec/8b6022.html?paging=off>, Acesso em 1 dez. 2016.

WITVLIET, John. **Worship Seeking Understanding**. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2003.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional